

## COLETIVO VIDA MARIA: UMA EXPERIÊNCIA DE MOVIMENTO DE MULHERES NA UNIVERSIDADE

Karolina Silva Florêncio<sup>1</sup>

Jair Vieira de Andrade Junior<sup>2</sup>

Maria Alice da Cruz e Silva<sup>3</sup>

Orientador do trabalho: Volmir José Brutscher<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o movimento feminista, e importância da luta das mulheres dentro dos movimentos sociais populares. Além disso, apresentar o Coletivo Vida Maria, que constitui um grupo de mulheres organizadas em um movimento dentro da Universidade de Pernambuco (UPE), e analisar a sua visão a respeito da educação, como movimento social. O artigo caracteriza-se metodologicamente como abordagem teórica, situando-se nos referenciais da análise dialética e da análise do discurso, recorrendo à bibliografia clássica da área e à entrevista, com base em um questionário semiestruturado desenvolvido com o intuito de identificar a perspectiva dos movimentos sociais em relação à educação. Essa pesquisa resultou na compreensão e formulação de críticas em relação a não visibilidade do papel ativo que as mulheres possuem nos movimentos sociais populares, com uma maior ênfase aos movimentos feministas. Ademais, possibilitou identificar as necessidades e dificuldades encontradas pelo Coletivo Vida Maria acerca da implementação de uma educação popular nas escolas. Haja vista que a educação brasileira ainda é caracterizada por práticas pedagógicas tradicionais que servem como mecanismo de conservação do sistema capitalista na sociedade.

**Palavras chave:** Educação, Movimento Feminista, Coletivo Vida Maria.

### 1.INTRODUÇÃO

Ao estudarmos sobre movimentos sociais populares percebemos que eles são constituídos majoritariamente por mulheres, porém que existe certa invisibilidade das mulheres nesses espaços de atuação. Segundo a afirmação de Belh Lob “frequentemente as análises ignoram que os atores nos movimentos populares eram, de fato, atrizes” (1991, p.247). “As mulheres são maioria nos movimentos feministas, nos movimentos populares de luta por melhores

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco/*Campus* Mata Norte.  
[karolinaflorencio2017@gmail.com](mailto:karolinaflorencio2017@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade de Pernambuco/*Campus* Mata Norte. [jair\\_avenged@hotmail.com](mailto:jair_avenged@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia Pela Universidade de Pernambuco/*Campus* Mata Norte.  
[m.alicecruzsilva@gmail.com](mailto:m.alicecruzsilva@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Educação e professor da Universidade de Pernambuco/*Campus* Mata Norte.  
[volmir.brutscher@upe.br](mailto:volmir.brutscher@upe.br)

condições de vida e trabalho, nas redes e fóruns transversais que ultrapassam as fronteiras nacionais”. (GOHN, 2007, p.133).

Portanto, estudaremos a luta das mulheres por intermédio dos movimentos feministas, sobretudo, do coletivo Vida Maria. Este é classificado como uma nova formação de movimento que se preocupa com questões de gênero, cultura, igualdade e educação, tratando-se de um movimento identitário. Buscaremos relatar o motivo da sua criação, origem, formação e projetos vinculados às práticas educativas. Observaremos sua visão em relação à educação através das respostas obtidas a partir do questionário.

Os estudos e entrevistas realizadas Proporcionaram uma análise sobre o feminismo e referente a participação das mulheres nos movimentos sociais populares e na formação e organização de um coletivo, na Universidade de Pernambuco, que tem a preocupação de criar projetos de educação popular que possibilitem um ensino e aprendizagem de qualidade.

## 2. METODOLOGIA

Esse artigo foi motivado e constituído a partir dos estudos realizados nas disciplinas eletivas *Educação do Campo e Educação e Movimentos Sociais*. Entre os estudos, foi realizado o primeiro seminário *Educação em Movimento: educação do campo e movimentos sociais*, na Universidade de Pernambuco, *campus* Mata-norte, tendo por objetivo promover reflexão acerca da educação do campo e movimentos sociais populares no contexto da globalização e virtualização, considerando avanços, retrocessos e perspectivas (desafios e propostas) face a conjuntura atual do país. Os estudos e reflexões realizadas nas disciplinas e no seminário contribuíram direta e indiretamente na elaboração deste artigo, que tem como objetivo analisar o movimento feminista, a importância da luta das mulheres e a apresentação do Coletivo Vida Maria e sua perspectiva em relação a educação brasileira.

O trabalho caracteriza-se, metodologicamente, como abordagem teórica, inscrita nos referenciais da análise dialética e da análise do discurso (BRUTSCHER; SCOCÚGLIA, 2017), recorrendo à bibliografia clássica da área e à entrevista, com base em um questionário semiestruturado, elaborado para identificar a perspectiva do Coletivo Vida Maria em relação a educação. Busca-se saber por intermédio dessa entrevista não apenas como se organiza este movimento social, mas também identificar se existe contribuições para a educação. Para isso, aplicamos o seguinte questionário semiestruturado: 1) Qual a concepção do seu movimento

acerca da educação? 2) Seu movimento considera importante e necessário a educação escolar? se sim, como este pode contribuir para fortalecer a educação na perspectiva da concepção do movimento? Justifique. 3) Quais dificuldades e desafios os movimentos sociais encontram para estabelecer uma relação próxima com a escola?

As respostas das integrantes do movimento social, Coletivo Vida Maria, serão analisadas no item Resultados e Discussão, refletindo a visão desse coletivo a respeito da aproximação dos movimentos sociais populares na educação escolar.

### **3.Movimento Social entrelaçado ao Feminismo**

Inicialmente trataremos de conceituar o que chamamos de movimentos sociais populares devido à existência de uma diversidade de conceitos e que são empregados de forma diferente e, às vezes, até equivocadamente, seja por falta de conhecimento ou com o intuito de enfraquecer e marginalizar tais movimentos.

O movimento social popular caracteriza-se através da consciência obtida por cada sujeito individualmente acerca de classe, gênero, etnia, valores e costumes da sociedade. E por meio disso se unem e assim organizam-se para reivindicarem e lutarem por modificações, seja ela de cunho econômico, político ou social, alterando, assim, as estruturas da sociedade. Segundo Geadea temos uma definição seguida de crítica a respeito do movimento e sua formação

Os movimentos sociais são comunidades de valores com alta densidade de interação entre seus integrantes. Refletem redes sociaspatias latentes e capazes de precipitar-se em situações definidas como favoráveis. São assim, modelos de sociabilidade (GADEA 2005, p. 81, 82)

Em outra perspectiva analisamos o desenvolvimento do movimento social que ao se estruturar-se fortemente como um movimento, transcende e se estabelece muitas vezes em partidos políticos, como afirma Larbach:

Os movimentos sociais se burocratizaram; viraram partidos; alguns desapareceram devido ao atendimento das demandas reivindicadas; se empresariaram ou assumiram a prestação de serviços estatais, esmaecendo-se, assim, o espírito de inovação política que os caracterizava no período anterior. (LERBACH, 2011, p.01).

Dentre os movimentos que ganharam força, ao longo dos anos, e conseguiram conquistas por consequência das reivindicações e lutas, temos o movimento feminista. Movimento constituído, na sua maioria, por mulheres e que desencadeou uma revolução que ganhou força no século XIX e que dura até os dias atuais lutou pelo direito da mulher à cidadania e ao voto. Com o passar do tempo, colocaram em discussão questões que antes

eram consideradas restritas aos homens e que se tornaram pautas de reivindicação do movimento. Segundo Goss e Prudêncio (Apud LERBACH,2011) “questões individuais passaram a compor discussões públicas”. Nesse sentido, os autores ressaltam que demandas individuais, considerados, até então, privados, são levadas para o debate público: discussões surgem na esfera privada e são coletivizadas pelas redes.

Os movimentos feministas são movimentos políticos, filosóficos, sociais, que criticam o lugar que a sociedade patriarcal impôs às mulheres. Enfrentando a dominação do sistema, buscam equidade de gênero, trazendo o empoderamento da mulher diante da sua própria vida. (PEREIRA, COURA, ARAÚJO, 2018, p.04). Assim, o movimento feminista se destaca como movimento popular, tendo objetivos que beneficiaram todas as mulheres, autoras envolvidas, envolvidas apenas indiretamente e, inclusive, as que não defendem o movimento, mas que usufruem das conquistas, porque são conquistas coletivas. Conforme Pinto, “ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas” (PINTO, 2010 p.15).

#### **4. Um panorama geral do movimento feminista**

Em relação ao movimento feminista, enfatiza-se a sua importância para efetivar a visibilidade da luta feminina, pois é um movimento constituído, na maioria, por mulheres e que foi se fortalecendo, trazendo como discurso e pauta igualdade econômica, política e social entre homens e mulheres. Segundo Marques e Xavier (2018), foi na revolução francesa que as mulheres passaram a se questionar, pois, mesmo lutando com os homens em busca da cidadania, o seu direito de cidadãs não era reconhecido.

O movimento feminista teve sua trajetória marcada por três ondas, as quais vamos abordar rapidamente. A primeira onda feminista foi o início de tudo. Foi nos estados unidos e na Europa que o movimento passou a ser desenvolvido, por volta do fim do século XIX. No período dessa onda, também houve a consolidação do capitalismo. As mulheres passaram a ser exploradas, sujeitadas a jornadas de trabalho igual ou maior a dos homens e recebendo bem menos que estes. Diante disso, elas começam a reivindicar a partir das lutas operárias. Além do surgimento das Sufragistas, no século XIX, que dão visibilidade a esse movimento pela luta a favor do direito ao voto. Um acontecimento trágico também contribuiu para dar maior visibilidade ao movimento, que foi a morte de uma de suas militantes:

Emily Davison, em 1913, atirou-se em frente ao cavalo do Rei como protesto em um evento de corridas de cavalos em Derby (Inglaterra). A morte de Emily e os motivos aparentes chamaram muita atenção e deu maior visibilidade às sufragistas e às suas causas, porém “somente em setembro de 1920 foi ratificada a 19ª Emenda Constitucional, concedendo o voto às mulheres” (ALVES E PITANGUY 1981, p. 45).

A segunda onda do movimento foi marcada por novas reivindicações e lutas trazidas pelas mulheres. Agora, elas colocavam em discussão não somente problemas de caráter e de violência doméstica, mas questões de ordem social. Algumas autoras, como Betty Friedan, Kate Millet, Juliet Mitchell, passaram a publicaram trabalhos e livros que tratam do papel social da mulher e questionam a visão da época.

Essas obras passam a contribuir no desenvolvimento dos estudos feministas no período 1960 a 1980: o movimento passa a adquirir novas características e as reivindicações que antes eram voltadas apenas para a desigualdade de direitos políticos, trabalhistas e civis, passam também a questionar e a estudar o que causa essas desigualdades. É nessa época que é desenvolvido uma nova corrente feminista, o feminismo radical, que será comentado um pouco mais à frente. (MARQUES, XAVIER, 2018, p. 05)

Nesse período feminista, destaca-se a autora Simone de Beauvoir, considerada influenciadora tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista. Ela se destacou com um dos seus livros intitulado *O Segundo sexo* de 1949, o mesmo considerado referência para o movimento feminista mundial, mas, assim como tantas outras mulheres que se destacam sem serem reconhecidas e acabam sendo apagadas com o passar dos tempos, ela também vem sendo. A autora trás na obra reflexões acerca do que é ser mulher, de seus direitos e sua igualdade em dignidade como ser humano. “Não posso ser justa em relação aos livros que tratam da mulher como mulher... Minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos.” (Beauvoir, 1949, p. 17).

Levando para o âmbito educacional, no qual Beauvoir também é pouco referenciada, segundo Ribeiro, a sua fala também se destaca:

No âmbito educacional desde a antiguidade havia formas dualistas visíveis entre homens e mulheres. Para as meninas o estudo era direcionado desde cedo a atividades como: dona de casa, mãe de família, enquanto aos meninos às atividades eram voltadas ao espaço público e ao domínio das ciências. As mulheres tinham a escrita, a leitura e os livros como algo sagrado, sendo que, somente os homens tinham acesso aos mesmos. (RIBEIRO, 2014, p.02)

Portanto, é fundamental atrelar o estudo do feminismo ao estudo da obra da Simone Beauvoir, levando em consideração suas contribuições, sem dúvidas, valiosas, mas ainda pouco discutidas e aprofundadas em estudos, artigos e trabalhos científicos.

Assim a segunda onda fica marcada e por questões que vão para além dos direitos civis e políticos da mulher na sociedade, abordando a relação de poder existente entre homens e mulher e seus efeitos na sociedade como um todo. Também chega às discussões da época a problemática do aborto, do direito da mulher escolher ser mãe ou não, entre outros quesitos.

Na terceira onda acontece a partir de 1990, é quando o próprio movimento passa a ser questionado. Observou-se que o este abrangia um grupo das mulheres: as brancas e de classe média. Fizeram-se necessários novos olhares acerca das diversidades, uma vez que, “[...] a realidade das mulheres negras trabalhadoras é totalmente diferente das mulheres brancas de classe média.” (MARQUES, XAVIER, 2018, p. 07). Não adianta ter um movimento que luta por igualdade de direitos se o mesmo não engloba todas as mulheres, logicamente não iria atender as necessidades de todas, ferindo o objetivo do movimento. A partir desse momento passou-se a tratar dentro do movimento, da heterogeneidade que há entre a realidade das mulheres.

## 5. O Coletivo Vida Maria: resultados e discussão

O coletivo surgiu no ano de 2018 com as fundadoras Waleska Alves da Silva e Ana Carolina Bezerra Lúcio, ambas as alunas do curso de licenciatura em história da Universidade de Pernambuco, que articularam um grupo de estudantes, de diversos cursos da instituição, interessadas em constituir um movimento feminista. O nome foi inspirado no documentário “Vida Maria”, o qual mostra a triste realidade da grande maioria das mulheres, principalmente, do nordeste do Brasil. A mulher ainda é concebida, culturalmente, com a função restrita da procriação e dos afazeres domésticos, sendo, vítima da ignorância e excluída do direito aos estudos, gerando (pré)conceitos hereditários que ultrapassam gerações. De acordo com Freire (1987, p.13), tratando.,,

Distinguem-se, na medida em que o primeiro pretende “domesticar” o presente para que o futuro, na melhor das hipóteses, repita o presente “domesticado”, enquanto o segundo transforma o futuro em algo pré-estabelecido, uma espécie de fado, de sina ou de destino irremediáveis. Enquanto, para o primeiro, o hoje ligado ao passado, é algo dado e imutável; para o segundo, o amanhã é algo pré-dado, prefixado inexoravelmente. Ambos se fazem reacionários porque, a partir de sua falsa visão da história desenvolvem um e outro formas de ação negadoras da liberdade. É que, o fato de um conceber o presente “bem comportado” e o outro, o futuro como predeterminado, não significa que se tornem espectadores, que cruzem os braços, o primeiro, esperando a manutenção do presente, uma espécie de volta ao passado; o segundo, à, espera de que o futuro já “conhecido” se instale.

O objetivo do Coletivo é se preparar para trabalhar diretamente nas escolas as pautas de reivindicações feministas, como igualdade, liberdade, violência doméstica, aborto, discriminações no âmbito profissional, como a questão salarial entre outros assuntos.

Segundo Gogh (2007, p.147) “Elas têm visibilidade, tem voz e dão voz as mulheres, multiplicam os espaços de atuação das mulheres, estão nas ONGs, nas passeatas, nos protestos etc.” De fato é no movimento feminista que essa visibilidade é vista com maior efetivação.

Recentemente o Coletivo Vida Maria realizou nas redes sociais um trabalho fotográfico, dedicado à representatividade de gênero. Tratou-se de uma manifestação, na página do Coletivo, que possibilitou o discurso e o debate ligados ao corpo das mulheres e à visibilidade da luta do movimento LGBT. Tal atividade efetivou uma ação educativa do Coletivo que dialogou não somente através das fotografias, mas foi trazido para a discussão poesias com conteúdo feminista de autoria de mulheres. Ademais, divulgou conversas por vídeo informativo para explicar assuntos relacionados ao feminismo. As mobilizações e divulgações das atividades e protestos são feitas pelas redes sociais. O Coletivo utiliza dos mecanismos tecnológicos para se expandir e facilitar o acesso ao movimento. Somado a isso, reúne presencialmente um grupo de mulheres para estudar, discutir e se planejar, essas reuniões são feitas semanalmente. Como já dito, a relação e organização do coletivo está diretamente vinculada com a educação. Seus objetivos e suas atividades são todas direcionadas para a conscientização dos indivíduos a respeito do feminismo, tendo como desafio o combate ao sistema capitalista neoliberal e patriarcal e a desconstrução de (pre)conceitos já profundamente enraizados e assimilados pela sociedade. Segundo Paulo Freire (ano, p.40) “A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem, criticamente, a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos”. Este princípio da educação popular é uma das principais razões da existência, organização e luta do Coletivo Vida Maria.

Seguiremos analisando como o Coletivo, representando o movimento feminista, visualiza e compreende a educação, levando em consideração as respostas obtidas pelo questionário. Segundo Gonh (2012, p. 49), “Os movimentos sociais populares são formas renovadas de educação popular, logo os movimentos populares são uma continuação das práticas educacionais”. Ao mesmo tempo, com e contra Gonh, o Coletivo Vida Maria tem a

preocupação de estabelecer e defender a ideia de que o movimento depende da escola para atingir seus objetivos na sociedade.

Segundo resposta obtida a partir do questionário, o objetivo do Coletivo era, inicialmente, levar discussões acerca da violência de gênero para dentro das escolas, principalmente da de rede pública, onde as informações são mais precárias. Porém, tais ações ameaçam as classes dominantes e existe uma resistência para a implementação de práticas pedagógicas libertadoras. Apesar das resistências, Gohn (2012, p.57) vê nos movimentos um “instrumento poderoso” e afirma:

Essas fontes e formas de saber, no caso dos movimentos, constituem um instrumento poderoso das classes populares, no sentido de atingirem seus objetivos. Este saber gera mobilizações e inquietações que põem em risco o poder constituído, ainda que seja um poder exercido por uma administração dita popular. E as contradições aparecem de forma inevitável: a desqualificação do saber como anárquico e a necessidade de uma racionalidade baseada na eficiência.

Por tanto, existe a necessidade de mudança no que diz respeito à função social da escola. Ela não deve legitimar a desigualdade e muito menos ser mecanismo de conservação da estrutura da sociedade. A luta pela educação popular é importante, pois busca a transformação da sociedade. O Coletivo Vida Maria, considera necessária e importante a educação escolar. Segundo ele, indispensável ensinar a importância do movimento feminista na sociedade para os alunos, porque é por intermédio da escola que se reforça e/ou se constroem valores educacionais de respeito, igualdade e coletividade.

Com certeza, sem desmerecer a influência da família da sociedade em geral, a construção e desconstrução dos problemas sociais são realizadas no período escolar, para além do avanço cognitivo. É na escola que se educa o sujeito enquanto ser humano pertencente a um coletivo, com direitos e deveres, e com noção de limites. Por isso, conforme informado no questionário, o Coletivo joga essencial estar presente na escola. No entanto, Freire (1987, p.23) afirma:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser oprimida e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Diante desta afirmação, o Coletivo concorda que o processo de libertação do ser humano requer uma continuação para além da sala de aula, de modo que para o sujeito realmente se conscientizar da sua condição de oprimido é preciso a sua articulação dentro do movimento, deixando o individualismo e abraçando uma causa, a dos enfarrapados. “Aos farrapados do



mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p.12).

Entretanto, as dificuldades encontradas pelo movimento de estabelecer uma relação com a escola e, assim, possibilitar esse processo de conscientização, são muitas. O sistema de ensino no Brasil ainda tem como modelo uma pedagogia tradicional que beneficia a classe dominante. Conforme Bourdieu (1998, p.53),

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore no âmbito do conteúdo do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Ademais, o mais preocupante é que os desafios do movimento feminista e da escola ainda estão inteiramente correlacionados com ideias tradicionais e conservadoras que prejudicam o debate de assuntos da pauta feminista.

Perguntado, a partir do questionário, em relação às dificuldades e desafios que o movimento encontra para estabelecer uma relação próxima com a escola, o Coletivo é enfático: “Sem dúvida, o tabu existente com determinadas pautas. Há uma privatização dos assuntos que podem ser discutidas em sala, privatizações essas que são frutos de um patriarcado presente no nosso país.” (SILVA, LÚCIO, QUESTIONARIO, 2019).

Portanto, como ressaltamos, as questões conservadoras não promovem e não deixam promover alteração na sociedade. Segundo Gonh (2012, p.57),

O saber popular politizado, condensado em práticas políticas participativas, torna-se uma ameaça às classes dominantes à medida que ele reivindica espaços nos aparelhos estatais, através de concelhos etc. com caráter deliberativo. Isso porque o saber popular estaria invadindo o campo de construção da teia de dominação das redes de relações sociais e da vida social.

A partir dessa análise pode se entender como a escola é usada como mecanismo de reprodução do *status* e da desigualdade social e cultural quando assume uma pedagogia dominante ao invés de uma pedagogia libertaria, que pudesse proporcionar a transformação social, libertando os oprimidos da condição de oprimido sem que eles almejem serem opressores, tendo em consideração a libertação de todos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho gerou uma compreensão a respeito dos movimentos sociais e do movimento feminista como parte dos movimentos sociais populares e sua importância e contribuição para que as mulheres tenham, hoje, seu lugar de fala. Contudo, sendo elas agentes ativos dentro dos movimentos sociais, suas vozes ainda precisam ser mais ouvidas. Quando analisamos as suas ações no interior do movimento feminista, percebemos a força e a persistência de sua luta por direitos. Percebeu-se que as conquistas ocorreram de um processo lento, mas persistente e sem desistência. O que se viu foi a resistência das mulheres.

Igualmente, percebeu-se a ação dos novos movimentos participativos na luta por melhores condições de vida e exigindo respeito e igualdade. Entre esses, conhecemos a história e o trabalho do Coletivo Vida Maria, um coletivo que originou-se no âmbito acadêmico, porém que não restringe a sua ação apenas à Universidade. O Coletivo Vida Maria se organiza e se expande atuando nas redes sociais e em projetos que visam atender as escolas. Dessa forma, conseguimos observar e perceber a organização desse Coletivo que se utiliza das redes sociais, como mecanismo facilitador, para alcançar o objetivo de transcender os espaços acadêmicos e levar suas ideias para os sujeitos e para as instituições de ensino básico.

O artigo evidenciou os desafios da educação dentro dos movimentos sociais. Focado na análise da experiência do Coletivo Vida Maria, ficou evidente o quanto o sistema capitalista se apropria da escola para manutenção do poder das classes dominantes e o quanto isso dificulta a aproximação e atuação dos movimentos sociais populares para a implementação de uma educação popular capaz de promover um ensino e aprendizagem de qualidade e de transformação social.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050. NOVA FRONTEIRA S.A. 1949.

BRUTSCHER, Volmir José; SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Discursos da educação popular contemporânea: encontros com Michel Foucault e Paulo Freire**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADEA, C. A crítica pós-moderna e os movimentos sociais. In: Amaral Júnior, A. & Burity, J. A. (orgs.). **Inclusão social** – identidade e diferença. Perspectivas pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Annablume, 2006.

GOHN, M. **Movimentos sociais e educação**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOHN, M. **Novas teorias dos movimentos sociais**. Florianópolis: Editora Loyola 2017. p. 131-160.

LINS, L, T. **Trajetórias sobre os movimentos sociais: projetos de sociedade em disputa**. A formação política das educadoras e educadores do MST, 2006.

NOGUEIRA, C, M, M.; NOGUEIRA, M, A. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & sociedade, ano XXIII, Abril/2002.

XAVIER, K, R, L.; MELAINE, C, M. **A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil**. 2018.

LERBACH, B, C. **Movimentos Sociais: Percursos Práticos e Conceituais**. Espírito Santo: UFES, 2011.

PEREIRA, D, V.; COURA, F, N.; ARAÚJO, N, E, S. **Feminismos: luta pela equidade de gênero, justiça social e direito pelos corpos**. 2018

RIBEIRO, T, A.; FRANÇA, F, F. **Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.